



Gil Santos
 texto
 gilvan.santos@re-
 debahia.com.br



Arisson Marinho
 foto
 arisson.mari-
 nho@redaba-
 hia.com.br

PELA SEGUNDA VEZ SEGUIDA, FESTA DA INDEPENDÊNCIA É CELEBRADA SEM CORTEJO E RUAS OCUPADAS. MAS, AO CONTRÁRIO DE 2020, A POPULAÇÃO COMPARECEU EM MAIOR NÚMERO À LAPINHA

Todos os anos desde 1923, o busto sisudo do general Pedro Labatut observa a saída do desfile do Dois de Julho, na Lapinha, bairro da antiga Salvador. Injustiçado, já que foi destituído do cargo de comandante cinco semanas antes das tropas entrarem vitoriosas na cidade, o lendário militar tem na data o momento de ser homenageado. Contudo, pelo segunda vez seguida, o herói da Independência da Bahia ficou sem a celebração das massas na sext-feira. Por conta da pandemia, novamente não teve desfile de cortejo nem multidões coloridas pelas fantasias.

Essa foi a segunda vez que isso aconteceu ao longo de quase dois séculos de festa. A primeira foi no ano passado. Ao contrário de 2020, quando o circuito do Dois de Julho foi totalmente esvaziado, a população, mesmo em número bastante reduzido, deu as caras. Embora as aglomerações estejam proibidas, teve gente que ignorou as recomendações das autoridades para ficar em casa e foi homenagear uma das datas mais importantes do calendário baiano.

O Dois de Julho é tão relevante para Salvador que reúne, de uma só vez, representantes das duas esferas dos poderes Executivo e Legislativo. As comemorações deste ano seguiram os moldes de 2020: sem desfile, mas com hasteamento de bandeiras, hino e deposição de flores no busto de Labatut. Duas novidades, por outro lado, foram acrescentadas à "versão pandemia" da festa.

Os caboclos apareceram vestidos de verde, segundo a prefeitura, para simbolizar a esperança em dias melhores. E a Pira do Fogo Simbólico, que todos os anos fica no Campo Grande, foi transportada para a Lapinha e batizada de Chama da Esperança. Ela foi acesa por dois profissionais de saúde para simbolizar a luta do povo baiano contra a pandemia. Por causa do tempo instável, a chama acabou apagando e teve que ser reacesa.

O governador Rui Costa (PT) foi o primeiro a discursar e ressaltou que a data cívica relembra a força do povo em busca de melhores condições de vida. "Esse dia representa a Independência da Bahia, a luta do nosso povo, a busca por melhores condições de vida, por um Brasil independente e que cresça. O Brasil tem força e irá superar esse momento difícil que atravessa e voltará a ser uma referência internacional que poderemos comemorar nos próximos anos", disse.

Já o prefeito Bruno Reis (DEM) destacou que é um momento de muito orgulho para o povo e que a prefeitura já faz planos para os próximos anos da data cívica. "Por conta da pandemia, temos que fazer as homenagens com todas as restrições. Não imaginávamos que teríamos que travar a guerra contra o coronavírus ainda este ano. Nós vamos começar a organizar o bicentenário, com uma série de ações, requalificação do pavilhão e outras. E no ano que vem, com certeza, vamos voltar com a festa, porque temos dois anos com formato semipresencial", destacou.

O dia começou com chuva forte, mas o mau tempo deu uma trégua próximo do horário dos eventos oficiais. O hasteamento das bandeiras teve a presença também do presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), Eduardo Moraes de Castro, do presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, Adolfo Menezes (PSD), e o presidente da Câmara de Vereadores, Geraldo Júnior (MDB).

Este ano, grades de contenção foram instaladas para evitar que o público circulasse pela Estrada da Liberdade, nas imediações do Largo da Lapinha. Sem a presença massiva do povo, a festa do Dois de Julho perde a graça, até porque os eventos que levaram à vitória foram realizados pelo povo. Mesmo assim, surgiram pessoas fantasiadas que tentaram resgatar o espírito festivo e histórico do evento. Como a pequena Maria Antônia, 5 anos, que foi vestida de cabo-



Dois de Julho na Pandemia – Parte 2

1 Chama da esperança Pira do tradicional Fogo Simbólico: este ano acesa na Lapinha, não no Campo Grande. **2 Ato simbólico** Prefeito e governador discursam na cerimônia. **3 Aglomeração** População se espreme alheia aos riscos e alertas para evitar risco de contágio

cla. "Estou muito feliz", disse.

Nas lutas pela independência da Bahia, várias figuras femininas mostraram o que é que uma baiana tem, mas as mais famosas delas foram as duas Marias, tanto a Felipa como a Quitéria. Está última recebeu do general Labatut o posto de primeiro-cadete e tem uma estátua que fica no caminho do desfile. Nesta sexta, mesmo com ameaça de chuva, algumas milhares resolveram não deixá-la sozinha.

A professora Maria Inês, 53

anos, fez questão de comparecer. "Esse é um evento histórico e muito importante, não apenas para a história da Bahia, mas para a compreensão da independência do país, e deveria ser uma data de celebração nacional. Meus pais me traziam quando era menina e dei continuidade à tradição desde de adulta", contou.

Esse ano não houve grupos protestando, uma mudança brusca para o evento que todos os anos recebe diversas categorias de profissionais que levam as principais pautas do grupo para o cortejo. No final da cerimônia, alguns manifestantes apareceram com faixas pedindo que o presidente da República deixe o cargo, aos gritos de "Fora, Bolsonaro". Ainda que de forma tímida, até que parecia um sopro do Dois de Julho de sempre.

A preservação da data cívica baiana foi tema de especial no instagram do CORREIO com os historiadores Rafael Dantas e Marianna Farias. Assista em bit.ly/2dejulhoCorreio